



CIDADES

ENTRANHAS IDADES ESTRANHAS

CIDADES

fernando rios

PARA EVELINA,
GARÇA, GRAÇA,
GAZELA
AZEREDO RIOS.

a cidade sou eu
e minhas suas
vuelas
entranhas
avenidas

a cidade sou eu
e minhas suas
veias
estranhas
ferrovias

a cidade sou eu
minhas suas
estranhas aves
estranhos ninhos
entranhas penas
duras penas

a cidade sou você
bandeira ao vento
vitória ou lamento
uivo silvo grito
sorriso esgar
dentro do muro
fora do muro

quem tem lugar?

2

a cidade sou nós
corpos arredios
desatados desdentados
corpos baldios

a cidade sou eles
muitos
 indiferentes
misturados
dominados
denominados gentes
sob a cidade
 tolhidos
 escondidos
aparentemente em extinção
sem qualquer proteção
legal ou ilegal

apenas boquiabertos
 eticamente
 dispostos
 conservados

um antivinho
com o tempo
vinagrado

de peles e ossos
secos

de corpo e alma
flácidos

em péssimos estados

3

a cidade sou eles
em qualquer dimensão
mas não me toque
não me dê a mão
qualquer aproximação
lepra meu coração
interrompe minha viagem
em direção ao porão
da estúpida raça humana
qualquer cor
qualquer estupor

4

a cidade sou eu
 estranho
que me estranho
e me estranham
e me entranham

quando frente a frente
nem olhares esparramam
apenas os dedos crispam
e os sangues exangues
 se esparramam
 e se derramam

o que é meu?
o que é deles?

5

a cidade sou eu
e minhas estranhas aves
e seus ninhos

e minhas estranhas avenidas
e minhas entranhas ferrovias
essas que cortam
que me cortam
que golpeiam
na luz e nas trevas
do dia ou da noite
sob as bênçãos dos céus
sob o falso olhar de outro eu

eu a caminhar

faça-se o gesto
e eu corro
seja mosca ou besouro
pomba ou falcão
não importa o parentesco

fugir sem rugir

amar sem arrulhar

neste campo
sobra apenas adernar

qualquer navio
de fio a pavio
não encontra bússola

apenas perambula
até o primeiro esgoto
e naufraga

seres navios
homens barcas

e a tempestade aos pés

**abatem-se debatem-se
confrontam-se
quem somos nós?**

**diante de tantos dados
superdardos
nenhuma sorte
nenhuma arte
nenhuma fala
e muitas gargantas
caladas
abertas
à espera do ar álcool
enquanto o arauto não vem**

6

**minha polis
sou eu
entranhas avenidas
revoltas**

**cavernas
e mar aranhados
arames farpados**

**mas cada farpa
emaranha pólen
que emaranha pétala
e despetala em toques
olhares traçados
dedos esgarçados**

7

além de mim
multipólis
multidão
entranhas personagens
traços de mim
humanas engrenagens
peças de mim

8

toda polis
é capaz
todo eu
é mordaz
todo gesto
se desfaz

caduceu

quero a paz

e o céu
e o sol
e a chuva
e a via
vida

que escorre
paralelepipedamente

essa semente
aparentemente redesperta
redescobre a pedra
que flutua

e sob a pedra
se pretendem vida
e

pedalam
pétalas

minha polis
meu pólen
meu totem
sou eu
entranhas aventuras

9

cada esquina
esquiva-se
de mim
como se cada uma
fora o meu
 o seu
 o nosso
 fim

do outro lado
dobra-se

o tempo
o corpo
o firmamento
quando o sangue escorre
pelo cimento
e os olhos
estrelamente abertos
se olham
 para dentro
do corpo chão
amorfa superfície
ao nível dos pés

dobrar uma esquina
requer proteção

10

cada semáforo
semeia-se em dúvidas
e dúvidas

cada avenida
desfaz-se em aves
e ninhos

mas a cidade é minha
eu e suas
entranhas
estranhas
veias
vuelas
avenidas

11

e todos e todas
estranhas aves
estranhos ninhos

quantas aves
quantos ninhos
quantas pólis
quantos polens
quantas peias
quantas centopéias
quantos centos cordis
quantos centos corpos

quantas pólis
eu frater frates
tu frates
ele frate
tantos quantos
fratricidas
quantas quantos

na miragem
a pólis reflete
 cada nós
na imensa idade

12

avemamífero
caleidoscópico mamute
pé ante pé
pata ante pata
na loja de cristal
 devida
 aos juros e juras
 de amores
 ah! mares
 ah! terras
 ah! ares

quantos palmos de vida?
quantos planos de morte

quantas idas e vindas sortes?
Quantos salmos loas de artes?

13

sobretudo
pairam
alamedas
erros medos
arremedos
tépidas alegorias
que alegam e aquecem

cristas e cristais
crostas decibéis
 decitumos
 taciturnos

noturnos

14

a pólis sou eu
e seus funerais
e seus ancestrais

a pólis sou eu
e seus futuros ais
 eus
 tus
 nós
 nóias

15

a pólis sou eu

o pólen sou eu

a pólis sou eu

o pólen sou eu

a pólis e o pólen

so(u)fregamente

16

mas sou
corpo e alma
clarabóia
sol maior
came
camavale de lágrimas

entrando na

estranha
entranha
avenida

minha
polis
sou eu
veias
vielas
estranho
nas entranhas
avenidas

minhas
aves ninhos
perdidas

17

a cidade sou eu
acidade
envolto anjo torto
fragil idade
ser humano e mano
brutal idade
quadrúpede animal
estúpida idade

a cidade sou eu
e seus nós
a desatarem
sobre mim

18

**nesta cidade
somos nós**

à espera de sermos desatados

**e então,
por fim
um dia
humanamente enlaçados**